

**VARIAÇÃO CONCEITUAL DA LEXIA “BRUACA”
NO VOCABULÁRIO REGIONAL DO BRASIL:
DO LOMBO DAS MULAS PARA A CAMA DO PEÃO**

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (UCS)

gomdcorn@ucs.br

Odair José Silva dos Santos (IFRS)

odairzile@hotmail.com

RESUMO

Relatos de diversos períodos da história do Brasil apontam as *bruacas*, presas por cangalhas no lombo de burros ou mulas, como o meio mais eficiente de transportar objetos e víveres nas longas viagens dos tropeiros ou boiadeiros, tangendo gado ou tropas de outros animais, até os dias de hoje. No entanto, usos mais coloquiais da lexia apontam para uma acepção, já registrada nos principais dicionários de língua portuguesa, para referir-se pejorativamente a uma mulher velha e feia, ou até usada com o sentido de “prostituta”. Neste trabalho, fazemos uma breve investigação de como se deu essa evolução de significado, exemplificando com ocorrência em textos.

Palavras-chave: Bruaca. Léxico regional. Variação conceitual.

1. Considerações iniciais

Sabe-se que a evolução de uma língua se dá através do tempo e dos lugares, em grande parte em função do emprego que fazem seus usuários. Quando se trata de um vocabulário relacionado a fazeres específicos, serão aqueles envolvidos nesse fazer que garantirão a preferência de um item lexical em detrimento de outro e de sua permanência ou não na língua. O léxico relacionado ao tropeirismo não é diferente. Como atividade econômica, o tropeirismo desenvolveu-se no desde o início do século XVII até meados do século XX, através de rotas que se criaram, modificaram ou foram abandonadas ao longo do período, desde a Colônia de Sacramento no Uruguai até as minas de ouro em Minas Gerais, mas sempre envolvendo uma comitiva em torno dos mesmos afazeres: a condução de animais, mormente os de carga. Para realizar a tarefa hercúlea, a presença da mula, quer como meio de transporte, quer como mercadoria, sempre foi marcante.

Relatos de diversos períodos da história do Brasil apontam as *bruacas* – malas rústicas feitas de couro presas pelas cangalhas no lombo das mulas – como o meio mais eficiente de transportar objetos e víveres nas longas viagens feitas pelos tropeiros nas rotas que cortaram o país do

Rio Grande do Sul ao sertão baiano. Esta é geralmente a primeira acepção encontrada em dicionários da língua portuguesa (Aurélio, Houaiss, Michaelis, Aulete) e a única encontrada em bibliografia específica sobre o tropeirismo (FLORES, 2006; VELHO, 2008).²⁸¹ A acepção se mantém no contexto histórico do tropeirismo e se estende atualmente aos contextos boiadeiro, vaqueiro e pantaneiro. Nesses contextos, outro animal de carga amplamente utilizado é o burro, que, mesmo sendo menos resistente, também pode carregar as bruacas cheias. No entanto, usos mais coloquiais da lexia *bruaca* apontam para outras acepções, algumas já registradas em dicionários de língua portuguesa, outras apenas em dicionários informais, resultando em variação conceitual.

Neste trabalho, procuraremos refletir sobre as variações conceituais de *bruaca*, possíveis evoluções de significado, focalizando as acepções usadas para referir mulheres, de forma pejorativa, exemplificando com ocorrências em textos de diferentes gêneros.

2. A *bruaca* dos tropeiros e boiadeiros

Desde a época em que os tropeiros percorriam o Brasil de sul a sudeste, conduzindo mulas xucras para serem revendidas na grande Feira de Sorocaba, até os tempos atuais, em que as comitivas de peão conduzem o gado pelas estradas interioranas, as *bruacas* são parte imprescindível do conjunto de apetrechos úteis para a jornada.

Confeccionadas em couro, no formato de malas, serviam para acondicionar os mais distintos produtos. Quando, em meados do século XVIII, fez-se necessário suprir a demanda por animais para escoar a produção de ouro e das Minas Gerais, os tropeiros que percorriam o que viria a se transformar no Estado do Rio Grande do Sul viram uma ótima oportunidade de comércio. Arrebanhando mulas xucras e gado nos campos do sul, conduziam as tropas por rotas abertas em meio ao mato, por terrenos íngremes, cruzando cursos d'água, enfrentando intempéries. A

²⁸¹ Estas informações resultam de dados do projeto de pesquisa "Léxico e identidade regional das comunidades da antiga Rota dos Tropeiros", desenvolvido junto à Universidade de Caxias do Sul, com o objetivo de realizar estudos do léxico utilizado, tanto na forma oral como na escrita, para referência a localidades do município de Caxias do Sul (RS, Brasil) que se situam nas proximidades dos caminhos percorridos pelos tropeiros entre o século XIX e a primeira metade do século XX. Nos módulos 1 e 2 (2010-2014), buscou-se verificar a presença de elementos linguísticos que evidenciem a permanência de traços da cultura tropeira. O Módulo 3 (2014-2016) objetiva sistematizar os dados colhidos em um dicionário enciclopédico online.

jornada era longa – podia durar meses – e era necessário fazer paradas, às vezes para esperar um rio dar vau, às vezes para engorda da tropa. Pouquíssimas eram as vilas ao longo da estrada, razão pela qual os mantimentos para a alimentação dos tropeiros precisavam ser transportados durante o trajeto. As *bruacas*, presas duas a duas na cangalha de uma mula, eram então a melhor opção, por sua capacidade de carga e resistência (suportavam até 45 kg cada).

Com o encerramento da feira de Sorocaba em 1897 e o declínio do movimento tropeiro no Brasil, as *bruacas* continuaram a transportar víveres no lombo de mulas ou burros nas inúmeras regiões do Brasil em que os boiadeiros ainda conduzem gado. Igualmente, com o desenvolvimento do “tropeirismo doméstico” (cf. SANTOS, 1995), as *bruacas* foram úteis para acomodar outras mercadorias a serem comercializadas nas rotas entre os Campos de Cima da Serra e o litoral norte do RS e sul de SC. Hoje ainda são confeccionadas artesanalmente na cidade de Bom Jesus, capital gaúcha do tropeirismo.

Essa mala ou sacola, geralmente de couro, é ainda muito usada pelas comitivas, nos contextos boiadeiro, vaqueiro ou pantaneiro, nas viagens longas para carregar mantimentos, ferramentas ou talheres; algumas delas têm estilo de baú. De fato, em localidades com atividades campeiras, regiões interioranas do Brasil, ainda se usa esse apetrecho para guardar e carregar coisas de pequeno volume. Um relato postado no *Portal da Revista RDM*, com o título de “Memórias de vaqueiro”, exemplifica esse uso atual.

São 04h30 da manhã. O sol começa a dar sinais de vida. Enquanto alguns desmontam as redes de dormir presas na árvore, o mais moço da turma atíça a fogueira para aquecer o grupo na hora do desjejum a base de café, farofa e arroz com carne de sol. É um reforço para uma jornada no lombo de mulas transportando a boiada pelo pantanal afora. Tudo guardado dentro da *bruaca*. (MATOS, 2010, s./p. – grifo nosso)

Também a música registra o uso ainda frequente. Observe-se a seguir um trecho de canção da dupla sertaneja Chico Rey e Paraná, interpretada por Sérgio Reis: “O meu cavalo relinchando pasto afora que por certo também chora na mais triste solidão / Meu par de esporas, meu chapéu de aba larga, uma *bruaca* de carga, um berrante, um facão”.

Em comemorações e festejos populares no Rio Grande do Sul, como, por exemplo, as festas farroupilhas, também se encontram as *bruacas*:

Nos festejos do Vale do Paranhana, em Taquara, um piquete resgata a história do tropeirismo. As *bruacas*, bolsões feitos de couro cru, guardavam mercadorias que eram transportadas sobre o lombo das mulas até o sudeste do país²⁸².

A presença da *lexia* é tão marcante na linguagem popular que há até unidades fraseológicas que a incluem. O *Dicionário gaúcho* (OLIVEIRA, 2010) registra a expressão popular cristalizada *bater bruacas* com o sentido de “sair viajar ou andar à toa”. Isso denota a importância e popularidade do objeto no contexto tanto do tropeirismo, em que primeiro apareceu, como nos contextos boiadeiro, vaqueiro ou pantaneiro.

3. *Origens da lexia bruaca*

O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA, 2010) nos dá as mesmas informações: o vocábulo *bruaca* provavelmente surgiu de *burjaca* – antigo saco de couro usado por comerciantes ambulantes –, que, por sua vez teria derivado do castelhano *burjaca* (usado para referir-se à bolsa de mendigo ou peregrino).

A entrada dessa palavra na língua portuguesa através do espanhol é facilmente compreendida pelo contexto histórico-cultural, considerando-se que as primeiras tropas de gado e mulas foram introduzidas no Rio Grande do Sul vindas da Colônia de Sacramento, Uruguai, região em que havia grandes criatórios de muars.

Segundo informa o *Diccionario de La Real Academia Española*, a origem da *lexia* é incerta, mas provavelmente entrou nas línguas românicas através do latim *bursa*, como se observa no verbete transcrito a seguir.

burjaca. (De or. inc.; cf. lat. *bursa*, cat. *butxaca*).

1. f. Bolsa grande de cuero que los peregrinos o mendigos suelen llevar de bajo del brazo izquierdo colgando de una correa, cinta o cordel desde el hombro derecho, y en la cual meten el pan y las demás cosas que les dan de limosna²⁸³.

²⁸² Texto completo disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/semana-farroupilha/2013/noticia/2013/09/acampamentos-farroupilhas-crescem-cada-vez-mais-na-grande-porto-alegre.html>>.

²⁸³ Dados disponíveis em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=burjaca>>.

Em espanhol, porém, essa lexia não tem a mesma acepção que em português: refere, sim, uma bolsa de couro, mas para uso de peregrinos ou mendigos, não de animais, conforme como se observa na definição dada.

Não se localizou, nas pesquisas encetadas até o momento, uma explicação completa para a transformação de *burjaca* em *bruaca*. Pode-se aventar a hipótese de perda do som aspirado da letra *j*, pronunciada como /h/ em espanhol, num processo de síncope. A forma resultante, *buraca*, não está atestada, mas seria plausível supor que fosse uma forma de transição. Em seguida, por uma metátese, tem-se a transposição do *r* em *bur-* para o meio da sílaba, resultando em *bru-*, como ilustramos a seguir.

burjaca > (buraca) > bruaca

A lexia *bruaca* se registra com definição semelhante à aqui discutida em todos os principais dicionários de língua portuguesa do Brasil, na maioria deles como primeira acepção. Vejamos, por exemplo, as definições registradas no *Dicionário Aulete* (versão online).

1. *Pop. Pej.* Mulher muito feia e/ou rabugenta, de maus bofes;
2. *Pej.* Mulher (geralmente velha) mexeriqueira, ordinária;
3. Mala de couro cru para transporte de objetos, víveres etc. em cavalgadas; BURACA;
4. Bolsa de couro cru (geralmente usado a tiracolo);
5. *Pop. Pej.* Prostituta envelhecida e em decadência²⁸⁴.

Dicionários de cunho regional registram a lexia exclusivamente nessa acepção, já que os topônimos, palavras peculiares da fauna e flora, aliados ao discurso produzido servem como elementos que marcam *regionalidades*, “especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural” (ARENDETT, 2012, p. 91). Vejamos como exemplos o *Dicionário gaúcho*, o *Vocabulário pantaneiro* e o *Dicionário do peão* (esses dois últimos em versão online).

No dicionário gaúcho encontramos a seguinte definição: “Saco ou mala de couro cru para transporte de objetos e mercadorias sobre muires” (OLIVEIRA, 2010). Já o *Portal Pantanal* traz em sua seção “Vocabulário pantaneiro” a seguinte definição para *bruaca*: “sacola de couro

²⁸⁴ Dados disponíveis em: <<http://www.aulete.com.br/bruaca#ixzz3Kt9kceGs>>.

colocada no lombo do burro para transportar a traia da comitiva”²⁸⁵ (utilizada pelo cozinheiro da tropa). O *Dicionário do peão*, por sua vez, registra *bruaca* como “mala de couro, estilo baú, na qual as comitivas levam seus mantimentos e talheres”²⁸⁶.

Em contextos diversos, há ainda a conotação de *bruaca* como “mulher velha sem pudor, desleixada, prostituta” (BOSSLE, 2003) ou reconhecida popularmente em algumas regiões do país como “mulher feia e fofqueira”.

Como se deu essa evolução de significado? Ao que tudo indica, essa variação conceitual se deu por analogia, não de função, mas de forma ou aparência. As *bruacas*, embora sejam fortes e duradouras, com o uso acabam tendo aparência desgastada, feia, mas, pela qualidade e resistência do material, continuam a ser usadas. Esse aspecto desgastado poderia ser observado em pessoas, que passam a receber o epíteto de *bruaca*. A referência, pelo que os dicionários registram e pelo que se observa em contextos de uso coloquial ou informal, é sempre uma mulher, quando se pretende dar essa conotação. A linha de raciocínio poderia seguir algo como:

[esta mulher é] feia/velha/desgastada como uma bruaca = [esta mulher é uma] bruaca

Em outros contextos, tem-se uma acepção um pouco diferente, de explicação um pouco mais difícil. Os dicionários Bossle (2003) e Aurélio (2009) registram, como vimos, “mulher velha sem pudor, desleixada, prostituta”.

Uma hipótese, a ser ainda perseguida, seria a de que, em muitos contextos interioranos, as casas de prostituição abriga(va)m mulheres de todas as idades, inclusive as mais velhas (por isso, mais “desgastadas”), e a associação poderia então ser feita com o aspecto das *bruacas*, seguindo a mesma linha de raciocínio apresentada acima.

Observa-se, porém, também uma associação com traços de mentira, desonestidade ou falsidade. Todas essas más qualidades se concentrariam numa pessoa, cujo convívio seria de se evitar. Essa acepção, na linguagem informal das festas de peão, no interior das regiões sudeste ou centro-oeste no Brasil, parece se verificar, como atesta o seguinte texto.

²⁸⁵ Disponível em: <http://www.portalpantanal.com.br/variedades/52-vocabulariopantaneiro.html>

²⁸⁶ Disponível em: <http://www.marcoscowboy.com.br/reportagens/int004.htm>

Eis um exemplo de um bate-papo no dialeto da festa que o G1 inventou para dois fictícios peões falando de uma garota:

Deixa de ser “queixudo”, “abeia braba”! Você parece até um “fantasma”! O “fervo” está bom. Estamos “chique no útimo”, “carregados” pra Festa do Peão. Portanto, vamos seguir aquele “bitelo” com “sedém no talo”, que também é “ajeitada” e “traída”. Vamos “prosear” e convidá-la para “moia as palavras”. Ela parece ser um “bicharedo”, não é “dirrubada” e nem de longe é uma “bruaca” ou uma “boqueta”. Se for “mofete”, a gente dispensa. Não podemos ser “escorpião de bolso” nessa hora, e devemos gastar para impressionar a mulher. Depois que a “Chaiene” “estiver no náilon”, a gente fala umas “canchas” para os “cumpas”.

É o mesmo que: “deixa de ser teimoso, peão fraco! Você parece até assutado! A festa está boa. Estamos bem vestidos, a caráter para a Festa do Peão. Portanto, vamos seguir aquela moça bonita com jeans bem apertado, que também está na moda. Vamos conversar e convidá-la para tomar um drinque. Ela parece ser uma pessoa legal, não é feia e nem de longe lembra uma pessoa ruim. Se for chata a gente dispensa. Não se pode ser pão-duro nessa hora, e devemos gastar para impressionar a mulher. Depois de conquistarmos a garota, a gente conta vantagem para os amigos”²⁸⁷

A seguir, para exemplificar melhor, é apresentado também o trecho de uma reportagem comentando o capítulo de uma novela do canal aberto de televisão.

Nos próximos capítulos, segundo o Uol, graças aos serviços da espia Kelly (Lidi Lisboa), José Alfredo (Alexandre Nero) irá descobrir que a ruivinha vive entregando dinheiro aos pais. Furioso, ele solta os cachorros pra cima de Magnólia (Zezé Polessa):

– Fora daqui, sua vaca! Sua bruaca mal costurada. Uma cafetina, isso sim! Malandrona, exploradora da própria filha! Fora! Desinfeta da minha frente, sua jabiraca!²⁸⁸

Nesse contexto, nota-se que o vocábulo *bruaca* é utilizado em uma função adjetival, caracterizando “mulher velha sem pudor, desleixada, prostituta”, como registra o dicionário regionalista Bossle (2003).

A análise de outros contextos poderá auxiliar na identificação e, quem sabe, no aprimoramento da explicação para esse caso particular de variação conceitual.

²⁸⁷ Texto completo disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL92429-5605_00-CONHECA+AS+GIRIAS+DA+FESTA+DO+PEAO.html>.

²⁸⁸ Texto completo disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/noveleiros/2014/08/21/imperio-jose-alfredo-acusa-magnolia-de-pilantra-e-cafetina/?topo=52,1,1,,186,77>>.

4. Ainda algumas considerações

No decorrer das investigações das variações de *bruaca*, foram observadas, ao todo, cinco diferentes acepções para a lexia, duas das quais foram aqui discutidas. As outras três acepções, também sistematizadas no quadro a seguir, estão ainda sendo investigadas e merecerão, em breve, uma publicação apresentando os resultados.

Acepção 1	Contexto tropeiro / boadeiro / pantaneiro = mala ou bolsa de couro
Acepção 2	Contexto das festas de peão e geral (Fig.) = mulher feia
Acepção 3	Contexto do vestuário = roupa velha ou desgastada
Acepção 4	Contexto da culinária (CE) = panqueca de farinha de milho
Acepção 5	Indivíduo alegre, divertido, brincalhão (Fig.)

Diferentes acepções de *Bruaca*

A ocorrência em textos de diferentes gêneros, coletados na web, permite lançar hipóteses sobre como se deu essa derivação, seja por extensão de significado, seja por semelhanças fonéticas. Essa investigação prosseguirá com o recolhimento de novos textos em diferentes contextos regionais, de modo a podermos dar uma contribuição para a descrição da variação conceitual no léxico regional do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACAMPAMENTOS *farroupilhas crescem a cada ano na Grande Porto Alegre*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/semana-farroupilha/2013/noticia/2013/09/acampamentos-farroupilhas-crescem-cada-vez-mais-na-grande-porto-alegre.html>>. Acesso em: 31-10-2014.

ARENDT, João Claudio. *Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais*. Rua [online]. Unicamp, n° 18. Volume 2, 2012.

BOSSLE, Batista. *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

DICCIONARIO de la lengua española: burjaca. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=burjaca>>. Acesso em: 31-10-2014.

DICIONÁRIO do peão. Disponível em: <<http://www.marcoscowboy.com.br/reportagens/int004.htm>>. Acesso em: 03-05-2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da*

língua portuguesa. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FLORES, Moacyr. *Dicionário do tropeirismo*. Porto Alegre; EST, 2006.

IMPÉRIO: José Alfredo acusa Magnólia de "pilantra" e "cafetina". Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/novelleiros/2014/08/21/imperio-jose-alfredo-acusa-magnolia-de-pilantra-e-cafetina/?topo=52,1,1,,186,77>>. Acesso em: 31-10-2014.

LORENA, Sérgio. *Conheça as gírias da festa de peão*. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL92429-5605,00-CONHECA+AS+GIRIAS+DA+FESTA+DO+PEAO.html>>.

MATOS, Ruy. Memória de vaqueiro. *Portal Revista RDM*. Dicionário de peão. Disponível em: <<http://www.rdmonline.com.br/TNX>>. Acesso em: 03-05-2014.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2010.

SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; VIANNA, Maria Leda Costa; BARROSO, Véra Lucia Maciel (Orgs.). *Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional*. Porto Alegre: EST, 1995.

SIGNIFICADO de Bruaca. Disponível em:

<<http://www.significados.com.br/bruaca>>. Acesso em: 25-08-2014.

VELHO, Adenair P.; ALMEIDA, Júlio H. K.; SANTOS, Lucila M. S.; FAVERO, Marleci de F. (Org.). *Tropeirismo: Educação básica*. Porto Alegre: CORAG, 2008.

VOCABULÁRIO pantaneiro. Disponível em:

<<http://www.portalpantanal.com.br/variedades/52-vocabulariopantaneiro.html>>. Acesso em 03 mai 2014.